

IX ENEPEX/ XIII EPEX-UEMS E XVII ENEPE-UFGD

UM ESTUDO ETNOMATEMÁTICO SOBRE O KAMBYRYRU JERE DO POVO KAIOWA

Cleide da Silva Pedro (cleidepedro722@gmail.com)

Rhuan Guilherme Tardo Ribeiro (rhuanribeiro@ufgd.edu.br)

Maysa Ferreira da Silva (maysasilva@ufgd.edu.br)

Maria Aparecida Mendes de Oliveira (mariaoliveira@ufgd.edu.br)

Bruna Marques Duarte (brunamd88@gmail.com)

Essa pesquisa teve por objetivo analisar o “coalho virados”, denominado de kambyryru jere. O Estudo foi realizado na aldeia Panambizinho, no município de Dourados. Depois de todas as lutas travadas com os colonos na região de Dourados por nossa pequena terra, retomamos 1.240 hectares, desde 2004, e se efetivou a Aldeia Panambizinho. Diante de tantas questões presentes na cultura Guarani-Kaiowá, decidi fazer uma pesquisa de TCC sobre o coalho virados, porque a saúde da criança indígena da minha comunidade é algo que nos preocupa. Muitas mães jovens não querem saber da cultura tradicional e não possuem o conhecimento tradicional sobre o coalho virado, e para quem não conhece fica muito difícil entender, chegando até a perderem suas crianças, com risco de morte. A ideia, portanto, é mostrar nesta pesquisa o que é o “coalho virado (kambyryru jere)”. Dito isso, tem-se que quem pode arrumar, ou saber, e só nhandesy, nhanderu, assim como mexer, rezar e fazer remédio caseiro. O médico não sabe diagnosticá-la, por isso a importância dessa pesquisa. Diante disso, a etnomatemática também é importante na confecção dos remédios caseiros, pois ajuda a medir as pernas das crianças, e os braços e demais sintomas. Também quando vai dar remédio tem que saber horário, e saber medir o ml do copinho, e saber dar de manhã, meio dia e à tarde. Também saber do horário de dar remédio, início às 7 horas, 11horas, 2 horas, e 17 horas. A pesquisa visa mostrar todo processo: o que é o coalho virado, o

IX ENEPEX/ XIII EPEX-UEMS E XVII ENEPE-UFGD

que fazer (como se tratar) e, após a cura, como proceder. Digo isso, porque depois de as crianças melhorarem da dor de coalho virado (kambyryru jere), a orientação para as mães das crianças é não puxar os braços, não virar as crianças cabeça para baixo, não puxar as pernas, não bater nas costas das crianças. Isso é para manter a saúde das crianças indígenas kaiowá da aldeia Panambizinho. A partir de uma pesquisa qualitativa de estudo de caso, destacamos que a saúde indígena é uma questão complexa e delicada, que envolve diversas comunidades indígenas em todo o mundo, incluindo os Guarani e Kaiowá, que são grupos indígenas do Brasil. A situação da saúde indígena no Brasil tem sido objeto de preocupação e debate por muitos anos devido a uma série de desafios e questões específicas que afetam essas populações.